

CULTURA E DANÇA EM MATO GROSSO

Catira, Curussé, Folia de Reis, Siriri,
Cururu, São Gonçalo, Rasqueado e
Dança Cabocla, na Região de Cáceres

Beleni S. Grando (coord.)
Adriane Cristine Silva
Ana Tereza Mendes Porto
Carmém Rozélia de Amorim Espíndola
Ceonara Gomes Lima
Creonice Hansen
Cristiane Nunes Silva
Denise Auxiliadora Amorim
Ellys de Amorim Teotonio
Fátima Jesus Luciano de Almeida
Gianna Gonçalves Gattas Oliveira
Gláucia Garcia
Jane Ferreira Senra
Jane Greve
Jania Coimbra Salvador
Júlia Cristiana Sabala de S. Filha
Juvenal Rosa Batista Junior
Luciana Regina Marques
Lucilene Ferreira Araújo
Lucinaira Maria Cristo
Lucinete C. Viana de Campos
Luiz Elias Gonçalves
Luiza Martins Da Cruz
Marcilene Sousa De Oliveira
Margarete Frank De Souza
Maria Aparecida Martins
Maria Das Graças Zanol Turini
Mário Friedländer
Marisa Goncalves Silva Costa
Marlei Rodrigues Garcia
Marli Aparecida Castilho Luciano
Neusa da Silva Nardeli
Onice Queiroz Mota
Regina França
Rosemar Maria Corrêa
Sandra Ferreira dos Santos
Socrates Jalves De Laet
Wancléia Matos Sobrinho Brandaliza



Av. Senador Metello, 3.773 • Jardim Cuiabá
CEP 78030-005 • Cuiabá – MT
Telefax 65 3624 8711 / 3052 8711
home page: www.centraldetexto.com.br
e-mail: editora@centraldetexto.com.br



Av. Tancredo Neves, 1095 • Cavallhada
CEP 78200-000 • Cáceres – MT • Brasil
Tel./Fax 65 3221 0080
home page: www.unemat.br
e-mail: editora@unemat.br

Beleni Saléte Grando
Organizadora

Ilustrações
Claudyo Casares

CULTURA E DANÇA EM MATO GROSSO

Catira, Curussé, Folia de Reis, Siriri,
Cururu, São Gonçalo, Rasqueado e
Dança Cabocla, na Região de Cáceres



Cuiabá-MT

2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Cultura e Dança em Mato Grosso : Catira, Curussé, Folia de Reis,
Siriri, Cururu, São Gonçalo, Rasqueado e Dança Cabocla
na Região de Cáceres / Beleni S. Grando, organizadora ;
Ilustrações Claudyo Casares. – Cuiabá, MT : Central de Texto ;
Cáceres, MT : Unemat Editora, 2005.

Vários autores.
Bibliografia.

ISBN 8588696-18-5

I. Cáceres (Região, MT) - História 2. Cultura - Mato Grosso 3. Danças
folclóricas - Mato Grosso I. Grando, Beleni Saléte. II. Casares, Claudyo.

05-6967

CDD-793.3198172

Índices para catálogo sistemático :

1. Danças tradicionais : Cultura popular :
Mato Grosso 793.3198172
2. Mato Grosso : Danças tradicionais :
Cultura popular 793.3198172

1ª Reimpressão

Tiragem 3.000 Exemplares



Projeto gráfico e capa: Helton Bastos

Revisão: Cristina Campos

Fechamento de arquivo: Ricardo Carracedo

Ilustração da capa: Claudyo Casares - Dança do São Gonçalo - A/S/T, 1,00 x 1,00

Ilustrações: Claudyo Casares

Fotografia: Mário Friedländer

Prefácio

O presente trabalho chama a atenção para a importância da cultura mais profunda do interior.

Cultura e Dança

Dr^a Manuela Hasse*

O presente trabalho chama a atenção para a importância da cultura mais profunda do interior do Brasil, na qual a dança e a música possuem um papel fundamental, a merecer maior atenção. Num tempo dominado pelos problemas da globalização, o conhecimento do que é local revela-se decisivo para que se possa estabelecer uma relação adequada entre aquilo que percorre todo o mundo, e aonde a economia anima as atividades da vida, e aquilo que participa da vida de cada um na dimensão e escala possível da sua existência. É aqui que os problemas relativos à vida quotidiana assumem maior importância e onde as festas e as celebrações de caráter religioso assinalam o acontecimento extraordinário aonde a alegria e a fé se encontram em manifestações públicas e coletivas. Este tempo extraordinário representa um momento fulcral da vida social. Com efeito, a possibilidade de introduzir a festa entre a regularidade das tarefas e das obrigações da própria sobrevivência permite assegurar a unidade entre todos aqueles que nela participam (quer na conciliação dos múltiplos interesses associados ao projeto da sua realização, quer na angariação de fundos para a sua organização, quer na montagem de todos os pequenos detalhes e seqüências que deverão ser observadas no seu decurso; quer, ainda, na sua vivência exuberante de fé, de confraternização social e de jovialidade), assim como a continuidade de todos que nela participam e de tudo o que aí foi experimentado. Nestas circunstâncias, a dança e a música não acontecem por

* Doutora Manuela Hasse é professora agregada da Universidade Técnica de Lisboa, responsável pela disciplina História e Antropologia do Corpo, nos cursos de Licenciaturas em Dança, Educação Física e Educação Especial da Faculdade da Motricidade Humana.

acaso. Elas intervêm, a par de outros preparativos aonde as relações sociais se intensificam. A vontade de fazer parte é favorecida, a sensibilidade aguçada para os mais pequenos pormenores desde as cores, os odores, os gostos, os ritmos e, também, o conhecimento do bem e do mal que atravessam cada instante e depuram atos e pensamentos. É na experiência social, entre um e outro, que a aprendizagem de uma maneira de ver o mundo (*weltshauung*) é integrada em cada indivíduo de forma a inscrever, nos modos de agir e de pensar, as maneiras que são consideradas como as mais apropriadas a este ou àquele grupo. Uma cuidadosa seleção é assim realizada, de formas conscientes e inconscientes, no sentido de se preservar o que é sentido como essencial (a vida do grupo) e abandonado aquilo que é sentido como desnecessário ou mesmo nocivo (todos os males que afetam indivíduos e grupos, a tristeza, a descrença, o desânimo).

Estudar a dança, atender a cada instrumento musical, registrar por escrito ou através de meios audiovisuais o seu desenrolar, realizar entrevistas e dar voz a quem detém em si o valor da experiência, em geral, os mais velhos, será sempre uma iniciativa necessária para a salvaguarda de bens coletivos que dão um sentido à vida social e que, por isso, é fundamental preservar. A dança, as danças, animadas por corpos, sensibilidades e ritmos distintos, conservam em si a maneira como cada comunidade, num dado tempo e num dado lugar, soube encontrar-se como indivíduos e como grupo e, também, como sentido para as suas vidas reguladas por outros ritmos dos quotidianos quantas vezes adversos. A inserção da dança num tempo e num espaço vivido como excepcional, conquistadas as atividades de maior monotonia do trabalho e os sentimentos mais pesados que o confronto com todos os limites desperta, representa uma vitória sobre a morte que a desistência e o abandono à sorte podem acolher. Dançar, cantar, tocar, apesar de tudo, isto é, dar lugar à esperança e ao lúdico quando e onde tudo parece apontar em sentido oposto, constitui uma maneira sutil de vencer a vida que as sociedades humanas preservam no seu seio e transmitem aos mais novos através da cultura. A tradição, a passagem de mão em mão, a transmissão dos mais velhos para os mais novos, é a forma que as comunidades encontram, e procuram preservar, de passar um conhecimento único e de extremo valor para os que vivem numa dimensão do tempo mais breve, no imediato e na urgência cada vez maior (um dos aspectos de uma globalização que se estende a todo o planeta sem atender às diferenças e às especificidades locais, pois as localidades terão de aprender a defender os seus valores e os seus

interesses originais num mundo em acelerada mudança), uma das formas mais eficientes de subversão. As proibições e as condenações com que as danças sempre se confrontaram na história europeia até aos finais do século XVIII – aliás, como acontecia com os jogos populares, de bola, de tabuleiro e outros, e onde as danças provenientes de África se censuravam pela sua sensualidade perturbadora – tendem a confirmar este sentido de profunda revolução que alguns, aparentemente mais fracos, insistem em manter viva, uma força que não se extingue por decreto. Antes, poderá extinguir-se pelo esquecimento.

A preservação fundamental da dança inscrever-se-á, pois, na memória dos corpos e das sensibilidades antes mesmo de ser inscrita na consciência e nos registos escritos ou gravados. Dançar, como estudar a dança no quadro da cultura popular, constitui formas de salvaguardar um conhecimento essencial à vida coletiva, uma cultura singular própria de uma história comum e de um presente que se deseja consolidar de forma a assegurar um futuro possível e consistente. Na verdade, tanto o passado quanto o futuro existem apenas num tempo único, o tempo de todos os possíveis que é sempre e só o tempo presente.

Nesta perspectiva, o trabalho realizado pelos académicos do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso, sob a orientação de Beleni Grando, poderá ser um primeiro passo a prosseguir de estudo sistemático e aprofundado da realidade cultural local. Uma maneira de contribuir para a tomada de consciência dos valores locais e da sua ligação e afinidade com o que é global, isto é, o que pertence a todos, é comum e os humaniza.

Sumário

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO	13
DANÇAS TRADICIONAIS NO MUNICÍPIO DE CÁCERES-MT	17
1 • INTRODUÇÃO.....	17
2 • CURURU	23
3 • SÃO GONÇALO	33
4 • SIRIRI.....	39
5 • RASQUEADO	43
CURUSSÉ: UMA DANÇA TRADICIONAL EM PORTO ESPERIDIÃO.....	51
1 • INTRODUÇÃO.....	51
2 • CURUSSÉ: UMA FESTA DA COMUNIDADE	53
3 • CURUSSÉ: UMA TRADIÇÃO CHIQUITANA.....	56
CATIRA: UMA DANÇA TRADICIONAL EM ARAPUTANGA	61
1 • INTRODUÇÃO.....	61
2 • CATIRA OU CATERETÊ.....	66
FOLIA DE REIS NA REGIÃO DE CÁCERES.....	69
1 • INTRODUÇÃO.....	69
2 • FOLIA DE REIS OU COMPANHIA DE REIS NOS MUNICÍPIOS DE RIO BRANCO E LAMBARÍ D'OESTE	73
3 • FOLIA DE REIS NO MUNICÍPIO DE GLÓRIA D'OSTE	78
DANÇA CABOCLA: UMA TRADIÇÃO EM JAURU	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

Introdução

Nesta obra, reunimos as Danças Tradicionais mais importantes do Estado de Mato Grosso. O Cururu, Siriri, São Gonçalo e Rasqueado são danças encontradas na Baixada Cuiabana e no Pantanal Mato-grossense. Já as danças Folia de Reis, Cabocla e Catira estão presentes tanto na grande Cuiabá quanto em diferentes regiões do Estado, por serem manifestações tradicionalmente encontradas em vários Estados brasileiros de onde vieram inúmeros mato-grossenses de hoje.

O Curussé, apresentado de forma inédita nesta obra, é uma dança específica da região de fronteira do Brasil com a Bolívia. Esta manifestação cultural é característica do município de Porto Esperidião, onde grande parte de seus habitantes descende de comunidades de chiquitanos, ou chiquitos, vindos do lado esquerdo do rio Guaporé, ou seja, do lado boliviano.

Para elaborarmos esta edição, partimos de trabalhos de pesquisa realizados pelos acadêmicos, sob nossa orientação (alunas e alunos do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso), durante as aulas de Educação Física, no segundo semestre de 1998.

Durante um semestre, este trabalho possibilitou aos acadêmicos o exercício da pesquisa. As pesquisas foram realizadas nos municípios onde residem e atuam, em sua maioria, como professores e professoras da Rede Pública de Ensino do Estado.

Para desenvolvermos as pesquisas, fizemos a opção metodológica do *aprender a aprender* (PENIN, 1994) e buscamos valorizar tanto os conhecimentos ditos científicos quanto a vivência de cada aprendiz em contato direto com sua realidade, seu município e sua comunidade. A contribuição de cada uma das pesquisas trouxe-nos novos referenciais para a compreensão da cultura e da realidade vivenciada pela comunidade acadêmica e nos lançou um novo desafio: elaborar um livro que contribuísse com os educadores e estudiosos da cultura mato-grossense, tão carentes de produções desta natureza.

Na avaliação do Seminário de Conclusão do Curso em que foram apresentados os relatórios de pesquisa, decidimos que deveríamos ampliar e reformular os textos para sua publicação. Acrescentamos a eles novos dados encontrados na literatura mato-grossense e brasileira e em entrevistas e registros visuais (vídeo e fotografia) com o intuito de socializarmos aos leitores uma visão mais ampla e histórica da realidade social em que as danças tradicionais se manifestam como cultura aprendida, ensinada e produzida por homens e mulheres que residem atualmente na região de Cáceres.

Assim, as referências iniciais são, na realidade, encontradas pelos acadêmicos nos municípios de: Cáceres, Lambari d'Oeste, Glória d'Oeste, Porto Esperidião, Rio Branco e Araputanga, mas não se limitam a eles. O contexto social vivido nesses locais reflete a realidade da dinâmica cultural vivida em todo o Estado, principalmente no que se refere ao processo de “ocupação” (e “desocupação”) ocorrido desde o século XVII até os movimentos migratórios dos anos 70, 80 e 90 do século XX.

A fim de contextualizarmos esse processo social onde as manifestações culturais se expressaram também nas “Danças Tradicionais”, introduzimos os textos elaborados a partir das pesquisas com o contexto sócio-histórico de cada um dos municípios.

Além dessas referências, acrescentamos, após uma discussão sobre interesses comuns, dois textos de Mário Friedländer, um fotógrafo que tem muito a contribuir com dados registrados (em fotos e fitas de vídeos) nos municípios da região de Cáceres, em especial Porto Esperidião e Jauru, sobre a mesma temática pesquisada por nós na Universidade.

Temos a clareza dos limites históricos deste trabalho e de sua singela contribuição para a cultura mato-grossense, mas temos, também, a enorme satisfação em socializarmos os resultados de esforços empreendidos no sentido de interpretarmos os significados das culturas de diferentes grupos sociais que representam a diversidade presente na sociedade mato-grossense.

Nesta obra, portanto, pretendemos possibilitar aos leitores o conhecimento de como as pessoas que vivem em Mato Grosso manifestam sua cultura e suas significações nas “Danças Tradicionais”.

O termo “tradicionalis”¹ por nós utilizado não se refere ao conceito de folclore ou espetáculo, cuja prática leva ao corte das raízes do verdadeiro sentido vivido pelas pessoas que se manifestam nas danças, mas é compreendido como festa, cuja expressão é vida, sonho e liberdade. Uma festa vivida e manifestada nas danças que mantêm as raízes históricas e identitárias das pessoas que as recriam, produzindo sua própria cultura.

Conhecendo as preciosas memórias dos mato-grossenses de hoje, seus registros fotográficos, suas alegrias e suas religiosidades, ampliamos nossa compreensão da realidade e ampliamos nossa cultura. Uma cultura que, em Mato Grosso, é plural e intercultural.

Aprendemos com as pessoas simples que a cultura é produzida diariamente nas relações sociais mantidas com muito amor. Cada comunidade se alimenta com as tradições aprendidas com os mais velhos (pais e avós). Tradições vindas de diferentes lugares e contextos, tanto do imenso e diversificado Brasil quanto de fora dele.

A exemplo do movimento dos povos indígenas de Mato Grosso em sua luta pela terra, o povo mato-grossense de hoje² vai e vem construindo sua história marcada por lutas internas e coletivas que trazem suas raízes culturais como um ingrediente necessário para a sobrevivência no novo território.

A tradição dá o ingrediente da resistência a tanta adversidade vivida. Ela ajuda as pessoas a lidarem com os conhecimentos novos e velhos – o que somos e para onde vamos – e alimenta suas identidades e suas alegrias de estarem vivos.

Identificamos, assim, nas “Danças Tradicionais” um enorme potencial educativo da cultura, por possibilitarem a compreensão do movimento humano como uma manifestação corpórea de homens, mulheres, crianças, jovens,

1. Não identificamos as danças como populares compreendendo que o sentido de popular passa por todo um debate acadêmico que, neste momento, não nos foi possível apreender, assim como a denominação de danças folclóricas, por compreendermos que, da mesma forma que o popular, carece de uma reflexão mais aprofundada e complexa. Contudo, neste trabalho, optamos por somente identificarmos quais as manifestações que têm se mantido como significativas nas comunidades e que, na maioria das vezes, nós, moradores, não conhecemos. Muitas vezes, como educadores/as, esquecemo-nos de que estas manifestações fazem parte da educação e da realidade das crianças, jovens e adultos que compõem a comunidade escolar.

2. Trinta e cinco nações indígenas com mais de 20 mil indivíduos, mato-grossenses, sulistas, nordestinos, paulistas, mineiros, nortistas etc., e tantos outros estrangeiros que aqui vivem.